

ETNOGRAFIA

PORTUGUESA

TENTAME DE SISTEMATIZAÇÃO

PELO

D.^{OR} J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOLUME VI

ORGANIZADO

POR

M. VIEGAS GUERREIRO

COM A COLABORAÇÃO

DE

ALDA DA SILVA SOROMENHO

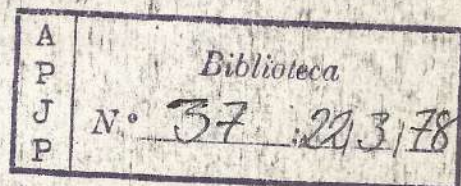
E

PAULO CARATÃO SOROMENHO

PREFAÇÃO

DE

ORLANDO RIBEIRO



Nota vocabular e fraseológica:

Ó barba de ataful!: injúria, em Ponta Delgada; ataful é o mesmo que retranca.

Barbas de alho: alcunha na ilha de S. Miguel.

Barbozana: homem de barbas grandes, em Ponta Delgada.

Fazer a barbinha a alguém: levar alguém de vencida (Ponta Delgada).

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

The Catholic Encyclopedia, vol. II (*beard*).

Petit Larousse.

Viollet-le-Duc, *Dictionnaire du mobilier français*, vol. III (*coiffure*).

Encyclopaedia Britannica (*beard*).

Chamber's Encyclopaedia (*beard*).

Brockhaus' Conversations—Lexikon (*Bart*).

Dictionnaire d'archéologie chrétienne, (*barbe*).

Viterbo, *Elucidário*, p. 122.

Giornale di Medicina Militare, de 1909.

América Brasileira, ano III, n.º 26.

O Panorama, I, pp. 243 ss.

Hugo Mötefindt, *Geschichte und Verbreitung der Fräse* (1922).

Gardner Wilkinson, *A popular account of the ancient Egyptians*, Londres, 1871.

L. Bourdeau, *Histoire de l'habillement*, pp. 245-246, Paris, 1904.

Júlio de Castilho, *Bairro Alto*, 3.ª ed., I vol., p. 151.

Tácito, *Germania*, III, 7.

The book of costume, by a Lady of Rank, pp. 14-17, Londres, 1847.

H) ARRIMOS E ARMAS

Andas—Pernas altas de pau, para se andar sobre pântanos e para brincadeiras de rapazes; os pastores nas Landes (França) usam-nas para vigiarem os rebanhos e para passarem rios: fazem meia, tocam pífaro.

Armas—Do século XVI: *AHP*, II, 381 ss.; *Menina e Moça*: «... peões armados de alabardas, chuços e cervilheiras...»; «pondo o escudo atrás das costas...» (cap. 56).

Arrocho—Pau mal feito (Barroso).

Asas de pau—O mesmo que varapau, em sentido figurado (Bra-gança).

Báculo—Imagem de velhice.

Bardasca—Nome pomposo do pau (Barroso).

Bareiro—Pau muito comprido, de forma cónica, que serve para dar a barca nos rios do Norte (Bragança).

Bastão—Bengala ou bordão (Lamego).

Bengala—Arrimar-se um homem a um pau, para se encostar, para se defender ou atacar um inimigo, é gesto natural. Um simples pau tosco pode servir, e pode ser apurado e ainda bem arranjado para se vender nas feiras: transforma-se assim na bengala do povo, imitada das que a civilização criou.

Em princípio, a bengala é um cajado ou pau mais delicado, e maior do que a bengala ordinária. Em Tolosa, a bengala é de qualquer altura, mas de marmeleiro. Tem o feitio de uma cacheira, porém mais cuidada e mais grossa para baixo. Se o cajado ou bordão tem volta, pode logo ter o nome de bengala. No Peral, dizem *vingala*, designando assim uma haste, geralmente de marmeleiro, que verga na extremidade mais delgada, formando uma argola. Em Alandroal, a bengala ou bordoa é mais delgada do que o bordão, e pode ou não ter correia para suspensão. Em Castelo Branco, a bengala ou cachamola é listrada de preto, o que se consegue da forma seguinte: retira-se uma tira (*correia*) de trovisco, enrola-se ao pau em hélice, deixando um intervalo da largura da correia; passa-se pelo lume, queimando-se o pau e ficando branco o espaço onde estava a correia, e listras pretas onde se queimou. A bengala é também chamada garrote em Cacela e é menor que o cajado.

Bengalão—Bengala grossa.

Bengalo—Pau com uma extremidade delgada e outra grossa (Évora).

Bolo—Cacete (Beira-mar).

Bordão—Característica do peregrino e do mendigo. Pau grosso e liso, que toma o nome de bengala sendo mais delgado; é também mais comprido que as bengalas das cidades. Em Vila Real de Trás-os-Montes, é um pau de grossura meia; e em Monchique, onde usam pouco os arrimos, chamam bordão a um pau qualquer para trazer na mão, e em Cacela é o mesmo que varapau (em 1896).

Dá-se, na Terceira, o nome de «bordões» a varapaus bastante fortes e mui pouco flexíveis, de que os camponeses se fazem acompa-

nhar para as romarias e principalmente para as «touradas de corda», onde são utilizados para auxiliar os respectivos donos a, num ápice e com um salto rápido, se porem em cima de qualquer muro e a distância respeitável do cornúpeto. São, no geral, guarnecidos na extremidade inferior de uma ponta de ferro maciço, de forma cónica, e a superior está revestida de uma ponteira de metal branco ou amarelo, cheia de desenhos ou rendilhados. O bordão é quase sempre inferior a 2 m e poucas vezes excederá a altura do homem. Pelo contrário, as «aguilhadas», especialmente destinadas aos condutores de gado bovino, são delgadas e bastante longas, chegando a ter mais de 3 m de comprimento.

O processo de preparação do bordão é o seguinte: 1) Depois de cortada, deixa-se a madeira estar uns dias a murchar; em seguida submete-se ao fogo para a endireitar e cortam-se os nós. 2) Envolve-se a vara numa pasta de cal e urina e assim se enterra durante vinte e quatro horas, tendo o cuidado de a deixar bem coberta de terra. 3) Acaba de se limpar da casca e alisar os nós. Passa-se repetidas vezes a vara com um pano embebido em azeite. As madeiras mais vulgares são: nespereira, laranjeira, «negrito», buxo, marmeleiro e araçá (das melhores). O bordão tem múltiplas referências literárias: «Amor anda pelo tino, || Que he cego, não traz *bordão* . . .» (X. de Matos, II, 309.); «Romeiro, apontando com o *bordão* para o retrato de D. João de Portugal . . .» (Garrett, *Obras*, ed. de 1899, p. 90); «O mendigo apanhou o seu *bordão*, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha . . .», (Eça de Queirós, *Contos*, ed. de 1907, p. 336); «Uns de voz rouca, grandes *bordões*, || Quem sabe lá se serão ladrões! . . .» (Guerra Junqueiro, *Os Simples*, ed. de 1892, p. 102.)

Bregueiro—Nome pomposo de varapau (Barroso).

Cabo—Pau grosso ou delgado, que serve para aplicar a ferramentas agrícolas.

Cacete—Pau para arrimo (Coja, Minde, Mangualde), quando se sai da povoação; os paus podem ser de marmeleiro, lódão, tojo, sobreiro; a designação também se usa em Bragança. No Peral

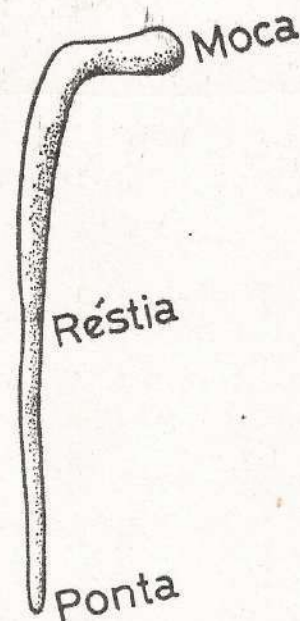


FIG. 449

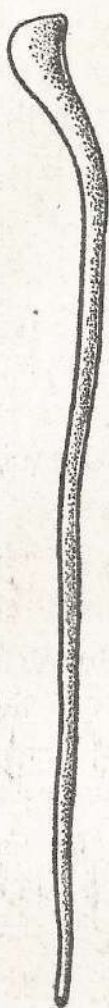


FIG. 450

é menor do que o cajado, e no Barroso também; em Mondim designa uma vara grossa.

É igualmente o nome de um tipo de bolo, especialidade de Paço de Arcos.

Cacha—Espécie de bengala tosca e não muito grande. (*Ubi?*)

Cachada—Sem volta, mas com moca, para se encostarem ou atirarem ao gado (fig. 449); umas vezes trazem a moca para cima, outras para baixo, mas o dado é andar com a moca para cima; o *cachado* tem volta (Alentejo?), semelhante à bengala vulgar.

Cachamorra—Eufemismo (Cadaval, Lamego, etc.); vid. «Cachaporra».

Cachaporra—Nome mais vulgarmente empregado num momento de ira ou de ameaça; não define a forma ou a matéria do instrumento: cacete, pau, etc; é muito usado no concelho do Cadaval, e também em Lamego. Recorde-se o provérbio: «Quem deserda antes que morra || Merece com uma cachaporra». (*Passim*).

Cacheira—Pau encurvado na parte que anda no chão (Avis); designação usada em Arez, Lamego. Tem o radical em cacho; é o mesmo que moca: a saliência é a cachamorra (eufemismo), quando grande («A cacheira tem uma grande cachamorra»); à cacheira pequena chama-se cacheirinha. Em Baião chamam cacheira ao que no Sul chamam cajado. Em Alandroal o boieiro usa a cacheira (cuja extremidade é a *môna* ou *moca*), mas há também a cacheira «de a gente se arrimar» (= cachamorra), com a extremidade engrossada com feitiço de bola (fig. 450).

Cacheiro—Em Alandroal a vara deve ser engenhosa para, quando atirada ao gado (ovelhas e cabras) pelo pastor, não o magoar; à extremidade chama-se *volta*; também se diz em Arez.

Cacholo—Pau que se emprega no jogo da cachola: à pancada com o cacholo dá-se o nome de cacholada.

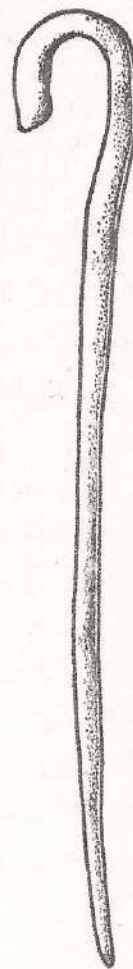


FIG. 451

Cajada—Pau, com volta em baixo para apanhar o pescoço dos borregos; quando o pastor se quer encostar põe a volta para cima: de carvalho, com 1,3 m (Tolosa, 1928).

Cajadinha—Diminutivo de cajada:

Eu vou per daqui abaixo,
Coá minha cajadinha às costas:
Se não achar as ovelhas,
Serei pastor das cachopas. (*Ubi?*)

Cajado—Vara torta e nodosa (*Mondim*) (fig. 451); o mesmo que varapau ou cacete, etc., no Peral; serve de encosto aos pastores

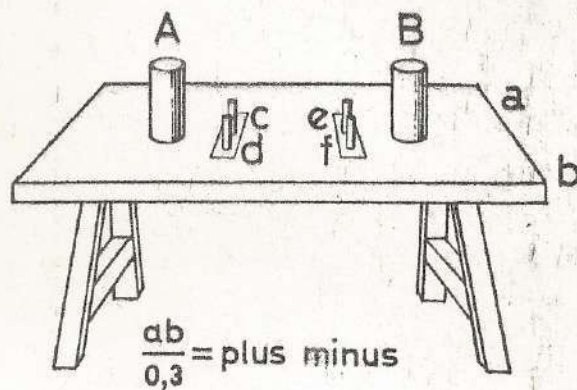


FIG. 452

e constitui símbolo da vida pastoril, citado frequentemente na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII; também chamado cachaporra, em linguagem chula, feito de pau ordinário e grosso; quando forma ângulo em cima chama-se cajado de força ou pau de força (*Ubi?*); os campónios (por exemplo em Évora) usam-no, quando vão à feira; em Tolosa pode ser de castanho, azinho ou carvalho e é adaptado à altura de quem o usa; em Alandroal é frequente ouvir-se *gajado* por cajado.

Como se fabrica um cajado em Alcária, sítio da freguesia de Monchique:

Há um banco tosco de uns 2 m de comprimento, chamado fôrma (*fôrma*), de 1 m de altura: A e B são uns cilindros de pau chamados cabeças; c-d, e-f são uns cilindros de ferro estreitos chamados pregos. Vara de castanheiro, aquecida ao fogo, enrola-se em volta de A e B e c-d, e-f para fazer a volta; depois ata-se um *alfirme*, «corda de esparto» (fig. 452).

O entaladeiro é um aparelho feito de acácia «alcáçoma» (diz o povo), com um entalhe em que se endireitam as varas, antes de fazer o cajado (fig. 453).

Já fui pastor, guardei gado,
Na charneca da Vieira,
Encostado ao cajado,
Namorei a sardinheira.

Se cortares a oliveira,
Dá-me um cajado ou dois,
Para dar ao meu amor,
Que é boeiro, guarda bois.

(Salvaterra de Magos).

Cajata—Pau delgado a que se encostam as velhinhas (Barroso).

Cajato—O mesmo que cajado.

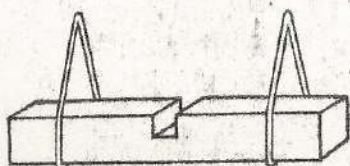


FIG. 453

Carqueja—Gancho de ferro ensebado, para trazer de noite na mão (S. Tomé de Covelas).

Carvalho—Sinónimo de bregueiro (Barroso); espécie de bengala feita de carvalho.

Castanho—Pau de diversos tamanhos, feito de castanheiro (Bragança).

Catana—Vid. *Peregrino da América*, p. 191.

Chapéu de sol—Designação dos séculos xvii e xviii; nos séculos xvi e xvii sombreiro (assim Cardoso traduz o lat. *umbella*); a designação *guarda-sol* é contemporânea.

Chibata—O mesmo que verdasca ou vergasta.

Choupa—Pau de anéis naturais como o junco, que tem na parte inferior uma argola de metal amarelo, com ferrão de ferro; na parte superior, um canudo também de metal amarelo, com o comprimento de cerca de um palmo, com ou sem punhal.

Chuco—Tem em cima, oculta, uma ferragem, espécie de faca (Mondim).

Cipó—Pau grosso e curto (Barroso).

Código florestal—Varapau, em sentido figurado (Bragança).

Espada.

Estadulho—Pau grosseiro, cacete, fueiro (Lamego, Bragança).

Estaca—Pau grosso ou delgado, que serve para escorar as árvores e plantas herbáceas.

Estameiro—O mesmo que estadulho: pau comprido e muito grosso (Bragança).

Faia—Pau sem nós, muito direito, alisado e bastante vergável (Lamego e Bragança).

Fueiro—Pau com a ponta muito afiada, que se coloca nos carros de bois.

Funda—*História do Museu Etnológico*, pp. 216–217. O Século de 4 de Fevereiro de 1901 publicou um artigo sobre o uso da *funda*, em Messines:

Há dias, António Pinheiro, do Monte Ruiivo, pastoreando próximo deste lugar, reparou que o gado fugia confusamente em diferentes direcções, não atinando, à simples vista, com motivo que tal justificasse; mas, vendo que o sussurro se manifestava desigualmente em várias partes do rebanho, logrou ver uma grande lebre que corria desesperadamente pela campina fora.

Não perdendo a sua placidez habitual, saca da arma favorita —uma funda—, mune-a da competente pedra, imprime-lhe o devido movimento de rotação e, alvejando o pobre roedor, despede a pedra tão certa que o infeliz bicho deu uma volta e caiu morto.

Semelhante facto não é isolado: é vulgar ver dois pastores a cem metros de distância travarem um duelo, comparado com os de sabre ou florete realizados em Lisboa.

É tal a certeza da pontaria e a destreza com que manejam a funda que, quando querem provar ao parceiro que a sua vida está pendente por um fio, previnem-no de que se afaste um passo para o lado, porque a pedra a despedir há-de cair precisamente no lugar em que ele se encontra, o que raríssimas vezes falha.

Gancha—Pau ou bengala enroscado em cima, enquanto a vara está verde (fig. 454).

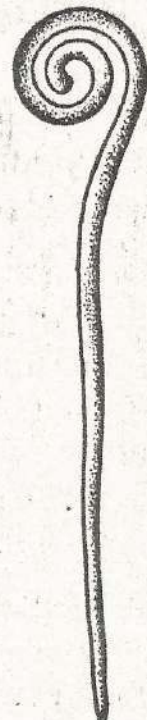


FIG. 454

Gravate—Para apanhar ovelhas pelas pernas, e maior do que o cajado (Tolosa).

Guarda-chuva—As mulheres não andam arrimadas. As senhoras usam guarda-chuva ou sombrinha por hábito; as mulheres do povo só excepcionalmente.

Guarda-costas—Chamam muitas vezes a qualquer forma de cajado (Peral).

Guarda-sol—Designação moderna para chapéu de sol.

Landreiro—Um pau qualquer, mas traz consigo a ideia de pau grande (Vila Real).

Lastreiro—Trata-se de um pau excessivamente grande (Bragança).

Lambeiro—Varapau (Lamego).

Lódão—Espécie de vara, feita de lódão.

Lodo—Pau das festas, feito da árvore do mesmo nome (Barroso).

Lombeiro ou lombreiro—Varapau (Bragança).

Maça.

Manchil—Vid. *Menina e Moça*, p. 224, cap. 29, 2.^a parte: «Bimnarder degolou um usso com um *manchil* que sempre consigo trazia.»

Marmeleiro—Vid. Trindade Coelho, *Os Meus Amores*, ed. de 1894, p. 1: «Atirou ao chão a manta e o marmeleiro, e puxando para diante o bornal . . . tirou de lá a flauta e pôs-se a tocar . . .». Pau de tamanho variável, feito dessa árvore. No Barroso é designação dada a qualquer pau.

Moca—É a parte inferior arredondada (nó da árvore) do cajado ou da bengala, que também se chama *morra* (leia-se *morra*); também designa o cacete pequeno e grosso numa extremidade; usa-se de noite, escondido debaixo do capote, para maus fins (Mangualde, Nelas, Mondim, Barroso).

Muleto—Cajado (ou bengala) tosco e grosso (Beja).

Pau—Designação genérica. *Pau de ferrão*, com choupa em cima ou sem ela; *pau de alquilador*, com uma argola em cima, feita da própria vara, para os cavaleiros trazerem, pendurado no braço; também em vez de argola pode ter correia. No Peral, o mesmo que cajado.

Este termo aparece em algumas expressões, tais como: «Enquanto o pau vai e vem folgam as costas»¹; «Falai no mau aparelhai o pau»²; «Pau de virar tripas»³ (= pessoa magra); «Pau-de-cabeleira» (a pessoa que acompanha os namorados).

Na poesia:

Eu era o pau mais verguio
Que na moita foi criado,
Mas cheguei a certa altura
Pra nunca ser esgalhado.

(Vide, Celorico).

É pau, é pau,
É pau é bicho mau,
O gato da vizinha
Já comeu o carapau.

(Sacavém).

Quem me vir de pau e manta
Cuidará que sou pastor:
Sou filho do rei de França
E neto do imperador.

(Salvaterra de Magos).

A minha sogra, coitada,
É uma pobre mulher:
Tem o pau atrás da porta,
Dá no homem quando quer.

(Carregal do Sal).

O loureiro é pau preto
Que se racha no correr.
Amores de homem casado
É comer por não morrer.

(Rapa).

¹ Expressão equivalente a «saber esperar».

² Falando no mau ele aparece e é preciso expulsá-lo à paulada. É o mesmo princípio que explica que o Diabo aparece ao pé da pessoa que o invoca.

³ Em algumas terras (Minde, por exemplo), voltam-se as tripas com uma haste fininha.

Hei-de comprar um pau preto
 Para uma lançadeira,
 Já que eu tive a ventura
 De amar uma tecedeira.
 (Rapa).

Não há pau como o carvalho
 Enquanto não apodrece,
 Nem amor como o primeiro
 Enquanto não aborrece.
 (Rapa).

São Gonçalo d'Amarante,
 Feito de pau de amieiro,
 É irmão dos meus tamancos,
 Criado no meu lameiro.
 (Rapa).

Tendes olhos de pau preto,
 Forrados de Moçambique;
 Parecem as naus da Índia:
 Metem corações a pique.
 (Rapa).

Aprendi a tecedeira
 Mas já estou arrependida:
 Passa-me o amor à porta
 E eu entre dois paus metida.
 (Rapa).

Toda a vida fui pastor,
 Toda a vida guardei gado,
 Tenho uma chaga no peito
 De me encostar ao cajado.
 (Rapa).

Pedra—A arma mais simples é um pau, e assim se vai aos coelhos, ou uma pedra, e com ela se atira ao gado. As pedras usadas como arremesso chamam-se *armas de Santo Estêvão*; na Beira diz-se atirar uma *lapada*. Os pastores do Alentejo são exímios em acertar com pedras, de longe, no gado.

Porrete—Pau grosso e curto, de forma irregular.

Porreto—Varapau (Coja, Minde); pau com saliência em baixo, com correia na parte superior, para enfiar no braço, debaixo do capote, para usar em caso de ocorrência nocturna; com 0,47 cm (Tolosa, 1929).

Porrinha—Pau pequeno.

Queijato—Cajado (Trancoso).

* Rocha—Cacete (Marco de Canaveses). Ouvei em Coimbra, para designar uma haste, de 1,5 m de comprimento pouco mais ou menos, lisa, por ser muito aplainada, e em geral feita de lódão.

Sobreira—Pau abengalado, de sobreiro.

Tira-teimas—Qualquer pau, em sentido figurado (Bragança). No Barroso também lhe chamam quebra-nozes, tira-birras e tira-dentes.

Tranca—Aparelhada por artistas e também serve para trancar portas.

Trocho—Menor do que a moca, de grossura irregular (Mondim).

Vara—Tem como característica o vergar (Algarve, 1896).

Varapau—Liso; ferrado em baixo (metal amarelo, aço e chumbo); ferrado em baixo e em cima, com chuça ou choupa, que é protegida por uma bainha móvel (Coja, Minde). Pau qualquer, sem forma nem tamanho definidos. Não ouvi este termo no Peral, mas ouvi-o em muitos outros sítios com a significação de cacete, cajado, etc. Em Mangualde e Nelas, é um pouco comprido, maior do que o cacete. No Barroso, é um pau grande e grosso. Em Mondim, é uma vara mais alta do que um homem e serve para arrimo. Quando se entra em casa, deixa-se o varapau cá fora. Parece que alude a isto Soropita (1589, pp. 21), falando do Convento de Palmela: «Para maior nobreza da casa, andam nela ao paio alguns da cavalaria da Ordem, que põem [as armas] de fora, como no jogo de paus, e para estes há aí aposentos, de fora, separados.»¹

Eça de Queirós, A Ilustre Casa de Ramires (ed. de 1904), p. 188: «Depois, com uma cólera em que lhe tremiam os beiços brancos, lhe tremiam as secas mãos cabeludas, fincadas ao cabo do varapau. . .»

Vergueiro—O mesmo que varapau (Sernancelhe).

¹ Isto é, jogando o páreo, para o que deixavam as armas, à entrada, em locais próprios, onde se guardavam também as varas ou paus para jogos.

RACHA } = PÃO DE LODÃO
 } = VARA DE LODÃO